

# MAR GEM ES QUER DA

**REVISTA DA BOITEMPO**

**42 1º SEMESTRE, 2024**



Copyright © Boitempo, 2024  
Margem Esquerda – revista da Boitempo n. 42

Direção-geral  
**Ivana Jinkings**

Editor  
**Artur Renzo**

Assistência editorial  
**Marcela Sayuri**

Editor de imagens  
**Francisco Klingner Carvalho**

Editor de poesia  
**Flávio Wolf de Aguiar**

Preparação  
**Frank de Oliveira**

Revisão  
**Marcela Sayuri**

Capa  
**Artur Renzo e Natasha Weissenborn**

Imagens da capa e miolo  
**Miguel Chikaoka**

Jusante do Rio Tocantins após o fechamento da Barragem da UHE, *Tucuruí, PA, 1984 (capa)*; Santa Cruz do Arari, *Ilha do Marajó, PA, 1989 (quarta capa)*; Buriti do Tocantins, *MA, 1991 (segunda capa)*; Encontro de Povos Indígenas do Xingu, *Altamira, PA, 1989 (terceira capa e p. 160)*; Serraria, *Plácido de Castro, AC, 1987 (p. 6)*; Procissão do Círio de Nazaré, *Belém, PA, 1982 (p. 32 e 41)*; I Encontro de Mulheres do Campo, *Conceição do Araguaia, PA, 1980 (p. 33)*; Travessia de balsa pelo Rio Guamá, *Belém, PA, 1989 (p. 35)*; Serra Pelada, *Curionópolis, PA, 1991 (p. 47 e 55)*; Floresta queimada [castanheira], *Rodovia PA 150, Marabá, PA 1981 (p. 60)*; “Hagakure”, 2003 (p. 159)  
Cortesia: *Kamara Kó Galeria (Belém, PA)*

Projeto gráfico e diagramação  
**Antonio Kehl**

Coordenação de produção  
**Livia Campos**

Impressão e acabamento  
**Lis**

ISSN 1678-7684  
número 42: março de 2024

É vedada a reprodução de qualquer parte  
desta revista sem a expressa autorização da editora.

BOITEMPO  
Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Pereira Leite, 373 – Sumarezinho  
CEP 05442-000 São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3875-7250 / 3872-7285  
editor@boitempoeditorial.com.br  
boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br  
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo  
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

# Sumário

Apresentação.....	9
<i>ARTUR RENZO</i>	
<b>ENTREVISTA</b>	
John Bellamy Foster .....	11
<i>FABIO MASCARO QUERIDO, MARIA ORLANDA PINASSI e MICHAEL LÖWY</i>	
<b>DOSSIÊ: MARXISMO, CAPITALISMO E ECOLOGIA</b>	
Apresentação: Antes que seja tarde demais .....	33
<i>FABIO MASCARO QUERIDO e MICHAEL LÖWY</i>	
Teses sobre a catástrofe (ecológica) iminente e as formas (revolucionárias) de evitá-la .....	35
<i>MICHAEL LÖWY</i>	
Ética ecosocialista, uma proposta concreta pós-capitalista.....	41
<i>ALLAN DA SILVA COELHO e ARLINDO RODRIGUES</i>	
Da cúpula da Amazônia à COP28: o negacionismo do governo brasileiro .....	47
<i>LUIZ MARQUES</i>	
A financeirização do meio ambiente brasileiro.....	55
<i>ANA PAULA SALVIATTI</i>	
<b>ARTIGOS</b>	
Mobilizar para realmente desacelerar: progresso e decrescimento no ecomarxismo de Kohei Saito .....	61
<i>SLAVOJ ŽIŽEK</i>	

*O Estado e a revolução*, de Vladimir Lênin: um prefácio .....71

ANTONIO NEGRI

Estruturas elementares da violência e do neofascismo no Rio de Janeiro....86

LUIZ EDUARDO SOARES

#### **GOLPES E CONTRAGOLPES**

O legado da ditadura e as possibilidades de ruptura com a autocracia  
burguesa: o Golpe de 1964 ontem e hoje.....97

ANTONIO CARLOS MAZZEO

O fascismo de Salazar, o 25 de abril de 1974 e Ary dos Santos .....107

JOSÉ PAULO NETTO

#### **CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA**

Crise do dólar e fragmentação monetária global .....132

MAURILIO BOTELHO

O futuro da inflação: sobre o teorema da transformação da  
mercadoria-dinheiro e suas implicações teóricas a respeito da inflação ...144

ERNST LOHOFF

#### **HOMENAGEM**

Samuel Pinheiro Guimarães: um gigante na periferia .....153

LUIZ FELIPE OSÓRIO

#### **POESIA**

Poema de número 4.....157

ZAKARIA MOHAMMAD

#### **SOBRE AS IMAGENS**

Miguel Chikaoka e a grandeza do essencial no imaginário amazônico ....158

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

# Mobilizar para realmente desacelerar progresso e decrescimento no ecomarxismo de Kohei Saito\*

SLAVOJ ŽIŽEK

Como Kohei Saito demonstrou conclusivamente em sua contribuição pioneira para o ecomarxismo, o único caminho para alcançar progresso real hoje em dia é problematizar a própria noção de progresso, a qual domina não somente nossa ideologia, mas as vidas reais<sup>1</sup>. Basta pensar na oxicodona: um medicamento controlado, uma droga opioide como a morfina, a codeína e a metadona. Sua forma mais popular foi o OxyContin (também conhecido como “oxy”), desenvolvido em 1995 para prover alívio de longa duração, para que pessoas com dor intensa não tivessem de tomar comprimidos com tanta frequência. O OxyContin foi amplamente prescrito e passou a ser associado a problemas de abuso e vício: quando o comprimido era esmagado, a droga era liberada no corpo mais rapidamente, o que intensificava seus efeitos. Quando a patente do OxyContin expirou, produtos similares foram postos no mercado.

A oxicodona não é nova: ela foi descoberta na Alemanha em 1917 e depois amplamente utilizada pelos nazistas para manter os soldados imunes à dor e ao sofrimento durante a Segunda Guerra Mundial (o médico de Hitler, Morell, receitava-a regularmente ao *Führer*). Chega o mais próximo do que podemos imaginar de uma mercadoria capitalista ideal: faz o que promete (acabar com a dor), mas é

\* Tradução de João Felipe de Almeida Ferraz. (N. E.)

<sup>1</sup> Ver Kohei Saito, *Marx in the Anthropocene* (Cambridge, Cambridge University Press, 2023); e *O capital no Antropoceno* (trad. Caroline M. Gomes, São Paulo, Boitempo, 2024).

extremamente viciante e gera fortes efeitos colaterais. (Aqui, a União Europeia foi melhor que os Estados Unidos: limitou estritamente o uso de OxyContin aos pacientes de câncer terminal.) Dessa forma, a oxicodona condensa a lógica do capitalismo no que ela tem de pior e de mais eficiente – e qualquer noção afirmativa de progresso hoje deve encontrar meios de excluir do mercado uma distribuição gratuita de produtos como a oxicodona.

O que isso significa é que devemos pensar como Hegel aqui: progresso nunca é uma aproximação linear de algum objetivo preexistente, pois cada passo à frente que mereça o nome de “progresso” implica uma redefinição radical da própria noção universal de progresso. A pior coisa que pode acontecer é permitir que oponentes do progresso autêntico definam o terreno do que conta como progresso. É por isso que devemos rejeitar a noção de progresso que continua a se impor atualmente, por exemplo, na insistência de que haveria uma necessidade de “modernização” da esquerda, a qual deve se livrar de tópicos antigos como a luta de classes. Desde setembro de 2023, por exemplo, quem está à frente do partido Syriza é um ex-executivo do Goldman Sachs que até pouco morava em Miami: Stefanos Kasselakis é filho de um armador e CEO de uma empresa de navegação, com todo o peso simbólico que isso implica na Grécia. Gay e “moderno”, ele declarou que sua entrada na política é apenas um desvio temporário entre um e outro compromisso de negócios... Em resumo, o Syriza está hoje totalmente integrado ao espaço pós-político “moderno” – mais um prego no caixão da esquerda tradicional.

Na medida em que o capitalismo global de hoje é definido pela hegemonia das potências ocidentais, muitos (não apenas) fora do Ocidente desenvolvido veem os Brics como um sinal de progresso. Mas seria mesmo? Em seu discurso na Assembleia Geral da ONU, em 23 de setembro de 2023, o ministro russo de relações exteriores, Sergey Lavrov, descreveu “os esforços dos ‘países ocidentais’ para se agarrarem a uma influência descomunal nos assuntos globais” como condenados ao fracasso:

O resto do planeta está farto disso, argumentou. “Eles não querem mais viver sob o jugo de ninguém”. Isso é demonstrado, segundo ele, pelo crescimento de grupos como os BRICS – a coalizão de economias em desenvolvimento que atualmente inclui Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul e que recentemente convidou Argentina, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos para participar no próximo ano. “Nosso futuro está sendo moldado por uma luta, uma luta entre a maioria global em

favor de uma distribuição mais justa dos benefícios globais e da diversidade civilizada entre os poucos que usam métodos neocoloniais de subjugação para manter sua dominação, que está escapando de suas mãos.”<sup>2</sup>

A alegação, portanto, é que, com os Brics, não temos outro bloco se opondo ao bloco ocidental hegemônico, mas uma nova versão do movimento dos não alinhados, uma multiplicidade de diferentes culturas coexistindo pacificamente e colaborando para um benefício global... Mas que tipo de progresso é esse? Apesar de todos os horrores pelos quais é responsável, o iluminismo ocidental estabeleceu certos padrões que também abrem espaço para a autocritica. Sem esses padrões, Uganda (que acaba de proibir a homossexualidade), Irã (que acaba de esmagar uma grande rebelião motivada pelos direitos das mulheres), Afeganistão (com seu terror fundamentalista) e Coreia do Norte são apenas partes da “diversidade civilizada” anticolonial.

O paradoxo é que a ideia mais radical de progresso autêntico vem de Kohei Saito, cujo ecomarxismo tenta se livrar do aspecto “progressista” da teoria de Marx (o comunismo como projeto de crescimento desenfreado), substituindo-o pela ideia de “comunismo de decrescimento”. A visão de Saito de “comunismo de decrescimento” está obviamente enraizada em suas origens japonesas: o Japão já não havia decretado uma decisão coletiva única de se isolar do mundo exterior e “desacelerar” em 1603, terminado o caos do período Sengoku? O período Edo (ou período Tokugawa) – que vai de 1603 a 1868 e antecede a restauração Meiji – foi caracterizado por uma ordem social rigorosa, políticas externas isolacionistas, uma população estável, paz perpétua e o desfrute popular das artes e da cultura. Apesar de todos os aspectos problemáticos do que ocorreu no Japão em 1603, o período Edo ofereceu um caso único de como o desenvolvimento de uma sociedade pode ser determinado por uma grande decisão política consciente – algo mais necessário que nunca nos dias de hoje.

E algo vagamente parecido não está ocorrendo no Japão de hoje, onde abundam os sinais de pessoas se cansando da louca mobilização produtiva, preferindo um ritmo de vida mais lento, que permita espaço para prazeres culturais mais refinados? Traços desse desejo por um ritmo de vida mais lento são encontrados até mesmo em Hollywood. Lembre-se, por exemplo, do filme *O último samurai* (2003, dirigido por

<sup>2</sup> Ver Edith M. Lederer e Jennifer Peltz, “Russian foreign minister lambastes the West but barely mentions Ukraine in UN speech”, *Associated Press News*, 23 set. 2023, disponível on-line.

Edward Zwick), que dramatiza a história de Nathan Algren (interpretado por ninguém menos que Tom Cruise), um capitão americano cujos conflitos pessoais e emocionais o levam ao contato com guerreiros samurais no despertar da Restauração Meiji no Japão do século XIX. Ele decide participar da Rebelião Satsuma, de 1877, liderada por Saigō Takamori, contra a ocidentalização do Japão. Todd McCarthy escreveu na *Variety* que o filme “se contenta em reciclar atitudes familiares sobre a nobreza de culturas ancestrais, a espoliação ocidental delas, a culpa liberal histórica e a ganância incontrolável dos capitalistas”<sup>3</sup>. No final do filme, depois de a rebelião ser esmagada, Algren pede ao imperador para se lembrar das tradições pelas quais os samurais rebeldes lutaram e morreram, e o imperador percebe que, embora o Japão deva se modernizar, não pode se esquecer de sua própria cultura e história – uma fórmula muito mais ambígua e problemática do que pode parecer, pois também aponta para a “modernização conservadora” que caracteriza o fascismo.

Mas o paralelo com a teoria de Saito termina aqui: o objetivo de Saito não é nem impedir a ascensão da modernidade capitalista, nem combiná-la com valores sociais e práticas conservadoras, mas propor uma alternativa radical às devastadoras consequências ecológicas e sociais da modernização capitalista sem limites. “Comunismo de decrescimento” é, na verdade, um termo errôneo; Saito não defende um projeto de nova austeridade. “Decrescimento” é usado em um sentido preciso de rejeição do impulso incondicional em direção ao progresso expandido que marcou até mesmo Marx:

Em certo estágio de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é apenas a expressão jurídica correspondente, com as relações de propriedade em que haviam se movido até aquele momento. Essas relações se convertem de formas de desenvolvimento das forças produtivas em seus grilhões. Instaura-se, então, uma época de revolução social. Com a mudança da base econômica revoluciona-se mais lenta ou mais rapidamente toda a gigantesca superestrutura.<sup>4</sup>

E, para Marx, o mesmo se aplica à transição do capitalismo para o comunismo: essa transição se torna uma necessidade quando as

<sup>3</sup> Todd McCarthy, “The Last Samurai”, *Variety*, 30 nov. 2003, disponível on-line.

<sup>4</sup> Karl Marx, *Para a crítica da economia política* (trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, no prelo).

relações capitalistas se tornam um obstáculo para o desenvolvimento seguinte das forças produtivas... Na conhecida leitura de Marx feita por Saito, ele demonstra que, a partir de 1868, Marx abandonou essa abordagem progressista e focou cada vez mais em como a implacável exploração capitalista da natureza representa uma ameaça à própria sobrevivência da humanidade<sup>5</sup>. Saito não mede palavras aqui: o problema é o capitalismo em si. Ele está bem ciente de que, atualmente, a ecologia faz parte da ideologia capitalista dominante: (quase) todo mundo fala o que pensa sobre ela. É por isso que o principal alvo de Saito não são os negadores diretos do aquecimento global, mas os defensores do “crescimento sustentável”, o princípio organizador central das respostas globais às mudanças climáticas. Saito é particularmente crítico dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), descrevendo-os como “o novo ópio das massas”. Para ele, os ODSs negam o fato brutal de que esses objetivos não podem ser alcançados em um sistema capitalista.

Em vez disso, Saito promove o decrescimento, uma desaceleração da atividade econômica por meio da reforma democrática do trabalho e da produção: a transição para uma economia de valor de uso contra a sociedade da afluência; a descarbonização por meio de horas de trabalho mais curtas para uma maior qualidade de vida; a abolição da divisão do trabalho, em direção a mais criatividade e significado; a democratização do processo de trabalho, de modo que as decisões sejam deixadas para os verdadeiros clientes; a valorização do trabalho essencial, como o cuidado, contra os empregos “de merda”. O decrescimento ecossocialista implica, portanto, a eliminação de alguns setores de produção (armas, publicidade etc.), a redução radical de outros ramos (automóveis individuais, por exemplo), mas também o crescimento de algumas atividades (educação, saúde, moradia adequada, infraestrutura elétrica e de água em áreas ou países mais pobres etc.). Aqui, entretanto, surgem problemas. Como aponta Rafael Bernabe, em sua resenha crítica do livro, primeiro Saito

abraça a visão de cooperativas locais e iniciativas municipais como uma alternativa ao capitalismo e ao centralismo estatal. É difícil ver como o socialismo municipal de Saito pode paralisar o processo de acumulação capitalista, nem está claro como essas iniciativas locais podem oferecer

<sup>5</sup> Ver Kohei Saito, *O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política* (trad. Pedro Davoglio, São Paulo, Boitempo, 2021).

uma alternativa coerente se as relações entre elas forem estruturadas por meio do mercado, em outras palavras, carecendo de qualquer forma de planejamento centralizado. Ecosocialismo requer muito mais que iniciativas cooperativas ou municipais: ele exige um planejamento democraticamente centralizado.<sup>6</sup>

Para atingir o objetivo descrito por Saito, medidas fortemente centralizadas e até ditatoriais terão de ser tomadas. Então, o paradoxo é que, para efetivamente desacelerar, teremos de nos mobilizar de uma forma inédita. Saito sabe que precisamos reabilitar o planejamento, mas isso precisará ser feito em um sentido muito mais intenso que o previsto por ele. Apenas pense nas fortes medidas globais necessárias para lidar com o aquecimento global, a imigração e os perigos da guerra, sem mencionar as armadilhas do controle digital explosivo sobre nossa vida diária.

O próximo problema que Saito parece ignorar é como, com as últimas tendências, o próprio capitalismo global está mudando sua estrutura básica a ponto de se duvidar que ainda deva ser chamado de capitalismo. Ou, para citar Yanis Varoufakis: “O capitalismo está morto. Agora temos algo muito pior”<sup>7</sup>. O nome de Varoufakis para essa nova época é tecnofeudalismo<sup>8</sup>. A questão é: a noção de capitalismo na qual Saito se apoia ainda pode abranger fenômenos neofeudais?

O terceiro problema é ainda mais fundamental. Seria a visão da sociedade futura imaginada por Saito sequer desejável de fato, desejável no sentido simples de que a maioria das pessoas acharia satisfatório viver nela? Saito imagina uma sociedade na qual o desejo é despojado de seu excesso constitutivo e é satisfeito por sua autolimitação, e nisso ele se aproxima de uma posição defendida pelo budismo, também na economia. Como os defensores da economia budista repetem incansavelmente, o budismo não defende a renúncia ascética aos prazeres mundanos, mas a medida correta entre riqueza e pobreza, entre individualismo e espírito comunitário: a riqueza é boa se servir ao nosso bem-estar coletivo. A noção budista da medida certa, de “apenas a quantia correta”, não se refere apenas aos indivíduos: ela

---

<sup>6</sup> Rafael Bernabe, “Saito, Marx and the Anthropocene: A Critique”, *Climate & Capitalism*, 5 jul. 2023, disponível on-line.

<sup>7</sup> Ver Carole Cadwalladr, “‘Capitalism is dead. Now we have something much worse’: Yanis Varoufakis on extremism, Starmer, and the tyranny of big tech”, *The Guardian*, 24 set. 2023.

<sup>8</sup> Yanis Varoufakis, *Technofeudalism: What Killed Capitalism* (Londres, Penguin/Bodley Head, 2023).

visa não provocar mal a si mesmo nem aos outros, sendo que esses outros não são apenas os outros seres humanos, mas tudo o que vive. Em contraste com o individualismo ocidental, o budismo defende uma abordagem holística: meu bem-estar depende do bem-estar de todos os outros ao meu redor, mas também de uma troca equilibrada com a natureza. Não é de admirar, portanto, que a economia budista defenda um desejo restrito/limitado, um desejo controlado pelo espírito, privado de sua natureza excessiva: ela repousa na distinção entre desejos verdadeiros e falsos desejos. Falsos desejos são desejos de prazer alcançados por meio da consumação de objetos sensuais ou por meio de sua posse, e eles são, por definição, insaciáveis, nunca totalmente satisfeitos. Verdadeiros desejos são desejos de bem-estar e, para alcançar o bem-estar, uma mente racional tem de regular e conter os desejos sensuais. Assim, chegamos à oposição entre os desejos sensuais ilimitados e o desejo espiritual de bem-estar:

O consumo pode satisfazer os desejos sensuais, mas seu verdadeiro propósito é proporcionar bem-estar. Por exemplo, nosso corpo depende de alimentos para nutrição. O consumo de comida é, portanto, um requisito para o bem-estar. Para a maioria das pessoas, entretanto, comer também é um meio de sentir prazer. Se, ao consumir comida, recebe-se a experiência de um sabor delicioso, diz-se que satisfaz seus desejos.<sup>9</sup>

Do meu ponto de vista lacaniano, é aqui que surgem os problemas. O que o budismo objetiva é um desejo destituído do excesso que o torna um desejo humano, um prazer destituído de seu excedente constitutivo. Quando comemos, quase nunca o fazemos apenas para nosso bem-estar espiritual de longo prazo; o fazemos pelo prazer de comer, e é esse prazer, e não sua subordinação a algum objetivo maior, que nos torna humanos. Lembremos aqui o exemplo de Lacan sobre a amamentação: a criança suga o seio para obter alimento (leite), mas o ato repetido de sugar logo se transforma na verdadeira fonte de prazer, de modo que a criança é levada a isso além da satisfação de suas necessidades. O mesmo se aplica de forma ainda mais óbvia ao sexo: quase nunca fazemos sexo para cumprir seu objetivo natural (procriação), mas pelo prazer que ele proporciona. Nós nos tornamos humanos exatamente quando o sexo abandona seu objetivo “natural” de procriação e se torna um fim em si mesmo. E é totalmente errado

<sup>9</sup> Ven. P. A. Payutto, *Buddhist Economics A Middle Way for the Market Place* (trad Dhammavijaya e Bruce Evans, ed. Bruce Evans e Jourdan Arenson), p. 22.

caracterizar essa mudança como um abandono de desejos sensuais ilimitados: o sexo intenso como um fim em si mesmo, separado de seu objetivo natural, é indiscutivelmente nossa experiência metafísica mais elementar: nosso prazer sensual é “transsubstanciado” em uma experiência de outra dimensão, uma dimensão além da realidade física direta.

Assim, devemos inverter a oposição entre os falsos desejos ilimitados, os quais só trazem sofrimento, e o autêntico desejo espiritual de bem-estar: desejos sensuais são moderados em si mesmos, limitados a seus objetivos diretos. Eles se tornam infinitos e autodestrutivos apenas quando são infectados por uma dimensão espiritual. Isso, no entanto, não é uma forma de Mal? Talvez, mas, como F. W. J. Schelling já sabia, somente a espiritualidade é autodestrutiva em seu anseio pelo infinito, e é por isso que o Mal é muito mais espiritual que nossa realidade sensual. Em outras palavras, a raiz do Mal não é o nosso egoísmo, mas, ao contrário, uma espiritualidade autodestrutiva pervertida que também pode nos levar a sacrificar nossas vidas. Essa dimensão está faltando na economia budista, e é por isso que seu objetivo declarado da medida adequada, quando se tenta praticá-la, tende a acabar em alguma forma de fascismo (nem sempre) brando.

Isso nos leva à natureza excepcional do capitalismo. Todd MacGowan forneceu uma explicação lacaniana sobre a resiliência do capitalismo, admitindo corajosamente que, em algum sentido (muito qualificado), o capitalismo efetivamente se encaixa na “natureza humana”<sup>10</sup>. Em contraste com as ordens sociais pré-modernas que ofuscam o paradoxo do desejo humano e presumem que o desejo é estruturado de forma teleológica direta (nós, seres humanos, nos esforçamos para atingir algum objetivo final, seja ele a felicidade ou outro tipo de preenchimento material ou espiritual, e buscamos encontrar paz e satisfação em sua realização), o capitalismo é a primeira e única ordem social que incorpora em seu funcionamento o paradoxo básico do desejo humano. É por isso que o desequilíbrio do sistema define o capitalismo: o capitalismo só pode prosperar por meio de sua própria autodestruição e revolução constantes. O paradoxo é que, por desejarmos o excedente que escapa a todo objeto, nossa própria orientação para o prazer e a satisfação nos compele a sacrificar permanentemente as satisfações disponíveis em nome das satisfações futuras. No capitalismo, hedonismo

---

<sup>10</sup> Ver Todd MacGowan, *Capitalism and Desire: The Psychic Cost of Free Markets* (Nova York, Columbia University Press, 2016).

e ascetismo coincidem. E, uma vez que estamos no capitalismo, não há caminho de volta. É por isso que, em vez de buscar um retorno para alguma versão de unidade orgânica com a natureza, temos de fazer o exato oposto e *desnaturalizar a própria natureza*.

A verdadeira fonte dos problemas não é “o acontecimento mais significativo que afetou a cultura ocidental nos últimos séculos”, a saber, o “colapso da relação entre homem e natureza”, o recuo da relação de confiança<sup>11</sup>. Pelo contrário: é justamente essa “relação de fé com a própria realidade” que constitui o principal obstáculo que nos impede de enfrentar a crise ecológica em sua forma mais radical. Isto é, no que diz respeito às perspectivas de uma catástrofe ecológica, é muito míope atribuir nossa descrença na catástrofe à ideologia científica que teria impregnado as nossas mentes, nos levando a descartar as preocupações de nossa razão comum, ou seja, a intuição que nos diz que algo está fundamentalmente errado com a atitude científico-tecnológica.

O problema é muito mais profundo: ele reside na falta de confiabilidade do nosso próprio senso comum que, habituado como está ao nosso mundo da vida comum, acha difícil aceitar que o fluxo da realidade cotidiana possa ser perturbado. Nossa atitude aqui é a da divisão fetichista: “Eu sei muito bem (que o aquecimento global é uma ameaça para a humanidade inteira), mas mesmo assim... (eu não consigo realmente acreditar nisso). Basta olhar para os arredores, para os quais minha mente está ligada: a grama verde e as árvores, o sussurrar do vento, o nascer do sol... Alguém pode realmente imaginar que tudo isso será perturbado? Vocês falam sobre o buraco na camada de ozônio – mas não importa o quanto eu olhe para o céu, eu não o vejo – tudo o que vejo é o mesmo céu, azul ou cinza!” A difícil tarefa ética é, portanto, “desaprender” as coordenadas mais básicas de nossa imersão em nosso mundo-da-vida: o que normalmente tem servido como recurso à Sabedoria (a confiança básica nas coordenadas de fundo de nosso mundo) é agora a fonte do perigo. Nós deveríamos realmente “crescer” e aprender a cortar esse cordão umbilical definitivo de nossa esfera da vida.

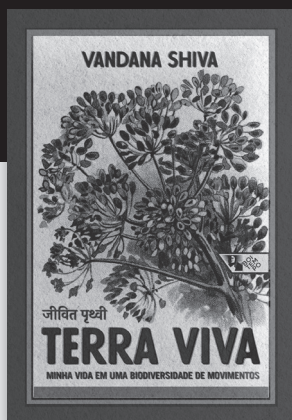
Greta Thunberg estava certa quando afirmou que os políticos deveriam ouvir a ciência. A afirmação wagneriana de que “a ferida só pode ser curada pela lança que a provocou”\*, adquire assim uma nova

<sup>11</sup> Timothy Morton, *Ecology Without Nature: Rethinking Environmental Aesthetics* (Cambridge, Harvard University Press, 2007), p. 35.

\* “Die Wunde schliet der Speer nur, der Sie schlug”. A referência é à ópera *Parsifal* (1882), de Richard Wagner. (N. E.)

atualidade. As ameaças atuais não são primordialmente externas (naturais), mas autogeradas pela atividade humana permeada pela ciência (as consequências ecológicas de nossa indústria, as consequências psíquicas da biogenética descontrolada etc.), de modo que as ciências são simultaneamente (uma das) fonte(s) de riscos e o único meio que temos para apreender e definir as ameaças.

Até se culparmos a civilização científico-tecnológica pelo aquecimento global, precisamos da mesma ciência não apenas para definir o escopo da ameaça, mas muitas vezes até mesmo para perceber a ameaça. O que precisamos não é de uma ciência que redescubra sua base na sabedoria pré-moderna. A sabedoria tradicional é precisamente algo que nos impede de perceber a ameaça real de catástrofes ecológicas, na medida em que nos diz “intuitivamente” para confiarmos na mãe-natureza, que é o solo estável de nosso ser. Mas é exatamente essa base estável que está sendo minada pela ciência e pela tecnologia modernas. Portanto, nós precisamos de uma ciência que seja dissociada de ambos os polos – tanto do circuito autônomo do capital quanto da sabedoria tradicional –, uma ciência que possa finalmente se sustentar por conta própria. O que isso significa é que não há retorno ao sentimento autêntico de nossa unidade com a natureza: o único caminho para confrontar os desafios ecológicos é aceitar totalmente a desnaturalização radical da natureza.



tradução: **Marina Kater**  
orelha: **Geni Ñunez e João Pedro Stedile**  
quarta capa: **Marina Silva**  
capa: **LeTrastevere**  
216 páginas

## **TERRA VIVA**

### **MINHA VIDA EM UMA BIODIVERSIDADE DE MOVIMENTOS**

#### **VANDANA SHIVA**

Autora de obras que discutem os ataques ao meio ambiente por grandes empresas, a doutora em física quântica e ativista ambiental Vandana Shiva faz nesse livro uma volta a suas raízes, abordando fases como a infância rural vivida na Índia, sua criação na fazenda dos pais em meio às florestas, a educação libertária que recebeu deles, passando pela mudança de vida e de perspectiva que teve ao entrar na faculdade e viver em grandes centros urbanos na Índia e no exterior. Tudo isso culminando na descoberta dos movimentos de luta em defesa da natureza e dos povos nativos e de sua influência na política ambiental mundial.

*“Vandana Shiva tem sido uma intelectual orgânica dos movimentos camponeses da Índia e de todo o mundo. Suas contribuições são fundamentais para sairmos do atoleiro em que o capitalismo colocou a humanidade.” – João Pedro Stédile*